



VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 18 a 20 de Setembro de 2014

Glauce Georgina Lima Prata¹

Maria Augusta Rocha Porto²

Marlen Peixoto Andrade³

Educação, sociedade e práticas educativas.

Resumo: Este artigo tem como objetivo chamar atenção para a importância da valorização do idoso através do ensino da língua inglesa, mostrando as vantagens, os desafios e a realidade da área. O trabalho com a terceira idade demanda a necessidade de maiores estudos e pesquisas. Por meio do relato de experiências em sala de aula, é salientada a necessidade de professores qualificados para atender esse público diferenciado. As principais dificuldades têm a ver com problemas físicos relacionados com o envelhecimento, como problemas de visão e audição, pronúncia e ritmo de aula. Sendo assim, a aprendizagem acontece através de uma metodologia de grupo colaborativo sem cobranças e em ritmo desacelerado.

Palavras chave: Terceira idade. Aprendizagem. Língua inglesa.

Abstract: This article aims to draw attention to the importance of valuing the elderly people through the teaching of foreign languages, in this case, the English language, showing the advantages, challenges and its reality. The project centered on the elderly demands to be more studied and researched. Through the account of experiences in the classroom, it is stressed the need for qualified teachers to attend this distinguished public. The main difficulties occur due from physical problems associated with aging, such as impaired vision and hearing, pronunciation and pace of the lesson. Thus, learning it happened by using one methodology through a collaborative group free of pressure and in a non-celerated rhythm.

Keywords: Elderly. Learning. English Language.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo baseia-se em um Projeto de Extensão proporcionado pela Universidade Federal de Sergipe, no período de 13/01/2014 a 28/11/2014, que tem por título: A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA AULA DE INGLÊS PARA 3ª IDADE. Devido ao aumento expressivo na comunidade dos idosos, não só no Brasil, mas no mundo; torna-se fundamental dar atenção ao idoso em suas necessidades, seus anseios e perspectivas. O caráter socializador das aulas de línguas traz consigo importantes elementos motivadores: oportunidade de compartilhar experiências, de desenvolver a intelectualidade e, sobretudo, de demonstrar que é possível aprender um idioma na terceira idade, indo contra o preconceito de que existe uma

“idade limite” para ser bem sucedido em aprender uma língua estrangeira.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) vem considerando a idade de 60 anos como o início da terceira idade. Segundo alguns autores, como Rocha e Basso (2008), a obrigatoriedade da aprendizagem de línguas na idade adulta deixa de partir de instituições como família e escola e passa a existir por motivação interna. Várias publicações ainda ressaltam que o real motivo pelo qual os idosos se engajam em projetos que possibilitam a aprendizagem de um segundo idioma diz respeito, sobretudo, ao caráter terapêutico e socializador das aulas. Essa necessidade de socialização do adulto mais idoso, é defendida por Rocha e Basso (2008), os quais mostram que o sujeito da terceira idade, ao se deparar com uma oportunidade de engajamento social procura, efetivamente, compartilhar as suas vivências e experiências de vida com seus interlocutores.

Por meio deste artigo, também pretendo falar das minhas experiências como estagiária no projeto de extensão da UFS, coordenado pela professora Maria Augusta Rocha Porto. Por meio desse projeto nós, alunos em formação, adquirimos a prática com um público que difere daquele com o qual temos nos deparado nas regências do Estágio Supervisionado, habilitando-nos a aprender a lidar com situações diferenciadas e a ter maior discernimento ao desenvolver as suas ações aprimorando, assim, as nossas práticas docentes.

2. A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO

Usamos a expressão terceira idade, tal como foi cunhada pelo gerontologista francês Huet para se referir à fase mais madura da vida humana por volta da aposentadoria (HADDAD, 1986, p. 25). Corresponde, portanto, à fase improdutivo da vida humana, uma entre tantas razões para o preconceito de que tanto são vítimas os idosos. Envelhecer, para a imensa maioria das pessoas, significa entrar em declínio físico e mental. A mídia ajuda a criar essa crença, pois o idoso é quase sempre retratado de forma caricata, seja como uma criança indisciplinada, seja como alguém ranzinza, exigente, surdo, alcoviteiro, puritano. “O jovem é a imagem da beleza, da alegria, da energia. O velho, em contrapartida, é a imagem da feiura, do declínio, da tristeza e da lentidão.” (PIZZOLATTO, 2008, p. 239).

Confesso que eu também tinha esse preconceito com relação a ensinar uma língua estrangeira aos idosos. Como graduanda do curso de Letras Português inglês da Universidade Federal de Sergipe, li muito a respeito das preocupações educacionais norteadoras do ensino de língua inglesa. Entretanto ainda são pouco numerosos os trabalhos sobre terceira idade e ensino / aprendizagem de língua estrangeira. Além disso, na Universidade, não somos preparados de maneira efetiva para lidar com o público envelhecido. Contudo acredito que essa realidade deveria mudar visto que as pessoas pertencentes ao grupo da terceira idade são amparadas pela legislação brasileira.

A lei 10.741/2003, capítulo V Art. 20/21, define que o idoso tem direito “à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003). Ainda segundo a legislação, “o poder público criará oportunidades de acesso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003) No entanto, para que os direitos dos idosos sejam assegurados é necessário que haja uma revisão das metodologias pré-estabelecidas para o público padrão, que são os jovens em espaço escolar.

Seria uma ilusão acreditar que as mesmas abordagens de ensino que são bem sucedidas em um público jovem obtenham o mesmo resultado em um público mais maduro. Além disso, a noção de “método ideal” vem sendo desconstruída ao longo do tempo. Segundo Donnini et al. (2010), a noção de bons e maus métodos é, em si mesma, enganosa. É preciso reposicionar o foco das discussões na figura do professor. Não em um professor que segue percursos previamente definidos, mas sim um professor-reflexivo cuja compreensão subjetiva e envolvimento com o fazer pedagógico confirmam coerência e direção ao trabalho docente.

3. METODOLOGIA: Fenomenológica Hermenêutica empiricamente através de grupo colaborativo.

A fenomenologia permite realizar uma compreensão a partir das visões de homem e de mundo que a embasa. O homem é considerado como “atribuidor de significados [e] histórico, capaz de pensar e com o outro, através do trabalho, construir história” (ESPOSITO, 1993, p.40). Sendo assim, o homem se projeta no mundo a partir de uma condição de inseparabilidade. Isso fica evidente na utilização da terminologia “ser – no - mundo” de Heidegger (2002) que afirma que a expressão “(...) já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade” (p.90). O mundo a que se refere, portanto, não é apenas o do universo físico e das condições geográficas, mas todo aquele que adquire significação na relação com o homem.

O movimento de aproximação do fenômeno que se quer compreender busca compreendê-lo a partir do modo como se mostra e “as chaves para o acesso à compreensão não podem ser buscadas na manipulação e controle (próprios ao método científico) mas, sim, na participação e abertura”. (ESPOSITO, 1994, p.83). Quando o pesquisador se abre para o significado que emerge na aproximação com o fenômeno, fundamenta-se na compreensão e interpretação. Surge aí a importância da hermenêutica em sua articulação com o método fenomenológico. A hermenêutica, em sua origem, carrega como referência a palavra grega *hermeios* que parece se referir ao Deus-mensageiro Alado. Ao longo da história, a palavra hermenêutica já recebeu diversos significados e hoje é considerada como compreensão e interpretação dos textos da obra humana. É ela que permite buscar o significado de uma obra, enquanto produção humana, a partir do contexto em que se mostra. (ESPOSITO, 1994).

As implicações da escolha do método fenomenológico hermenêutico no desenvolvimento da pesquisa relatada podem ser observadas desde o momento em que se constituiu a questão a ser investigada. Foi fundamental compreender que se tratava de uma pergunta sobre uma experiência humana – a de ensino/aprendizagem na terceira idade – e que, portanto, precisava de uma metodologia que fosse coerente com esse objetivo. A fenomenologia é pertinente a uma pesquisa de natureza qualitativa e que se refere a uma compreensão que privilegia o aprofundamento de questões existenciais humanas. É pertinente também a um questionamento que parte de uma interrogação e não um “problema de pesquisa” baseado em uma teoria.

Fazemos parte de uma equipe constituída por acadêmicos participantes de um projeto extensionista da Universidade Federal de Sergipe (UFS), envolvendo departamentos, núcleos e programas: DLES (Departamento de Letras Estrangeiras), PROEX (Programa de Extensão), NUPATI (Núcleo de Pesquisas e Ações de terceira idade). A pesquisa se utiliza da vivência em sala de aula para comprovar a necessidade de reformulação da grade dos cursos de licenciatura. São ministradas aulas para alunos da terceira idade que se inscreveram no projeto com intuito de aprender a língua inglesa.

É utilizado o espaço do CULT-ART (Centro de Cultura e Arte da UFS), com toda a dificuldade e deficiência de estrutura, pois os recursos usados são limitados: quadro negro, giz, apostilas, vídeos, áudios, notebook (particular), e um livro didático (Family Album, Beckerman, 1990) Estamos usando esse, por falta de materiais didáticos mais apropriados, bem como de métodos e abordagens com enfoque para este tipo específico de público, fazemos um “mix” de várias destas metodologias. Delas podemos citar: a abordagem comunicativa, a gramática indutiva, o áudio-lingual e o áudio-visual.

4. MINHAS EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO

Minha participação no projeto: “A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA AULA DE INGLÊS PARA 3ª IDADE”, se deu através do convite da professora Maria Augusta Rocha Porto em dezembro de 2013. A princípio, tive receio devido a minha falta de experiência na área. Depois, encarei o convite como uma excelente oportunidade de expandir meus conhecimentos e adquirir a prática que se faz tão necessária no mercado de trabalho.

Assim que aceitei participar do projeto, fui convidada pela aluna Lucélia Santos Sobrinho, estagiária, para assistir a algumas aulas ministradas pela mesma no Cult-art. Meu primeiro contato com os alunos, chamado por Mendes (2012) de envelhescentes, não poderia ter sido melhor. Eles foram muito receptivos e amorosos. Pude perceber que em uma turma de terceira idade o afeto desempenha um papel fundamental. Não falo do afeto como uma aproximação entre professor e aluno. Mas observei que os alunos se sentiam a vontade com Lucélia. Havia sempre alguém querendo contar algo, fazer um desabafo, relatar alguma experiência.

Antes de vivenciar a prática em sala de aula, tive várias reuniões com as coordenadoras do projeto: Prof. coordenadora Maria Augusta Rocha Porto e a Prof. orientadora Ana Lúcia Simões Borges Fonseca, juntamente com outros voluntários envolvidos. Nessas reuniões foram esclarecidas questões quanto a metodologia a ser utilizada. Além disso, nós estagiários, fizemos nossas próprias avaliações e junto com a professora coordenadora, organizamos e selecionamos os conteúdos didáticos pedagógicos a serem estudados sempre visando propiciar ao aprendiz de terceira idade a continuidade das condições necessárias ao desenvolvimento das suas potencialidades, com foco no seu maior entendimento no aprendizado das estruturas de comunicação do idioma inglês.

Minha primeira experiência em sala de aula se deu ao iniciarmos as atividades de 2014, no Cult-art. Me deparei com uma turma composta por 20 alunos, que compartilham os mesmos objetivos: a busca por se manterem intelectual e socialmente ativos, e no nosso caso adicionar o aprendizado da língua-alvo para a comunicação em viagens e com parentes. Tentei criar um ambiente descontraído entre os alunos para que eles se sentissem a vontade. Porém, para minha surpresa, os alunos não conseguiram acompanhar ao meu ritmo de ensino. Na minha primeira aula, me deixei tomar pela empolgação e me desapercebi do fato de que o processo de ensino e aprendizagem de línguas é complexo, principalmente quando se trata de

um público com necessidade de atenção especial, pois nessa faixa etária o indivíduo apresenta menor velocidade de processamento de informação e precisam de maior disponibilidade de tempo para a realização de atividades de leitura e escrita.

A grade curricular das Universidades deveria formar professores conscientes desses e de outros aspectos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa para a terceira idade. Segundo o autor Almeida Filho (2005), o professor precisa estar atento as variáveis múltiplas no processo de aprendizagem em geral que resultam em:

Tendências de aprendizagem de tipos muito diversos. As variáveis também são de natureza distinta: intrínsecas à pessoa como as afetivas (ligadas a aspectos de personalidade, atitude e motivação), físicas (ligadas a condições de saúde, cansaço, idade) e sócio-cognitivas (ligadas a estratégias conscientes e inconscientes de organizar a experiência do contato linguístico com outros em interação na língua alvo) ou extrínsecas como material didático, técnicas e recursos do método, tempo disponível para estudo, condições de exposição às amostras da língua, etc. (ALMEIDA FILHO, 2005 p. 17)

A crença de que os idosos não podem aprender inglês precisa ser desmistificada. O idoso é capaz sim de aprender, só precisamos respeitar o seu ritmo. Felizmente, vivenciando esta experiência, pude adaptar minha metodologia. Ciente do fato que não existe um único “método ideal”, procurei basear o meu ensino em diferentes abordagens, entre elas a Abordagem Oral ou Situacional citada no livro *Ensino de Língua Inglesa, 2010*:

Na Grã-Bretanha, uma das primeiras metodologias concebidas dentro dessa perspectiva foi a Abordagem Oral e Situacional (The Oral Approach ou Situational Language Teaching), que se fundamenta em três pilares: o ensino de vocabulário, o controle de estruturas gramaticais e a apresentação de ambos em situações, aqui entendidas como o uso de objetos concretos ou suas representações gráficas (ilustrações), que possibilitem a associação direta entre o conteúdo linguístico e seu significado. (DONINI; PLATERO; WEIGEL, 2010, pag. 15)

Há ainda o método clássico de tradução, onde o aluno se baseia na tradução para a aquisição de uma língua estrangeira. Tendo sido um dos primeiros métodos utilizados para o ensino da língua, passou a ser conhecido como o “Método da Gramática e tradução”. Percebemos nos alunos que estudaram línguas há algum tempo, uma tendência fortemente marcada pela tradução e pelo estudo das estruturas gramaticais. Sendo assim nosso objetivo é mostrar aos alunos que a tradução não é uma prática que deva ser banida de suas mentes, mas que a utilização desse método deve ser aliada a outros métodos para o alcance do sucesso esperado na aprendizagem da língua inglesa.

Uma das primeiras conclusões pedagógicas que tive na minha experiência de ensino/ aprendizagem com o público da terceira idade foi a de mostrar a necessidade e o porquê de se adequar uma técnica antiga a novos usos. Não se pode simplesmente impor abordagens mais atuais ao idoso, como a Abordagem Comunicativa, e exigir que a adotem como num passe de mágica. O idoso sente uma necessidade constante de repetição. Desta forma o Método Áudio-lingual também tem sido aplicado com sucesso em algumas aulas. Uma das premissas básicas do método é que primeiro o aluno deve exercitar as habilidades orais (ouvir e falar), cuja aprendizagem se dá por repetição e imitação. Numa típica lição áudio-lingual, um diálogo é apresentado frase a frase; os alunos as repetem individualmente e em coro, até que o diálogo seja memorizado.

Nossas aulas de inglês são adaptadas ao perfil da turma. Temos alunos que viajam constantemente, alegando a necessidade do domínio da língua inglesa, outros tem filhos e netos no exterior, e alguns tem profunda curiosidade pelo idioma para enriquecimento cultural. Por isso procuramos realizar aulas descontraídas e inovadoras, não perdendo o foco na aquisição do inglês. Além disso, há alunos que já estudaram inglês por algum tempo; há outros que tiveram o primeiro contato com o idioma ali; alguns ainda dominam um pouco da língua. Portanto, nossa postura é proporcionar aulas que sejam interessantes para todos e jamais enfadonhas, respeitando sempre as limitações de cada um.

Ensinar língua inglesa para a terceira idade tem seus desafios. Da mesma forma que ensinar inglês para adultos, adolescentes e crianças também tem seus desafios. E baseada em minha experiência até agora, se eu pudesse colocar em uma balança, pesando prós e contras, eu diria que ensinar inglês para a terceira idade tem sido mais prazeroso para mim do que ensinar crianças e adolescentes.

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pude perceber com o projeto A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA AULA DE INGLÊS PARA 3ª IDADE é que a experiência trouxe algo de positivo e que vai além da simples satisfação como professora, ou do prazer do aluno ao ter contato com a língua estrangeira que tanto aprecia. Talvez esteja sendo uma experiência única que vem dando certo por

uma série de fatores. Apesar do pouco aparato técnico por carência da infraestrutura, e de não dispormos de material didático específico voltado exclusivamente para o idoso, o projeto de extensão vem progredindo na medida do possível.

O idoso precisa ser respeitado. Precisa ser tratado com um ser humano com capacidade de aprender, compreender e decodificar com sucesso várias linguagens e conceitos. Precisamos repensar a prática pedagógica com alunos de terceira idade e encontrar soluções para problemas que por ventura venham a surgir. Procurar o caminho para homogeneizar o nível de aprendizagem entre os idosos. Devemos pensar no caminho mais justo da socialização. Cada um pode trazer suas experiências, sua vivência, seu campo de interesse e de conhecimento para que juntos possamos construir um aprendizado. Cabe ao professor, da Universidade Federal de Sergipe, a tarefa de promover esse encontro, de fazer da sala de aula um espaço de troca, onde certamente jovens e idosos, professores e alunos possam ensinar e aprender uns com os outros.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Brasília, 01 de outubro de 2003. Publicado no DOU de 03.10.2003.

Disponível em:

<[http://
www.
planalto.gov.br
/ccivil_03/leis/2003/l10741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10741.htm)
>. Acesso em 05.07.2014

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs**. Brasília. Ed. Do Brasil, 1999

BRASIL **Educação Básica. Linguagem, códigos e suas tecnologias. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCMs)**. Brasília: Ministério da Educação, SEB. Vol. 1. 2006.

DONNINI, Livia; PLATERO, Luciana; WEIGEL, Adriana. **Ensino de Língua inglesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ESPOSITO, V.H.C. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenomenológico-Hermenêutica. Relato de uma Pesquisa. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (org.) A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

ESPOSITO, V.H.C. **A escola: um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007. 193 p.

HADDAD, E.G.M. **O Direito à Velhice: Os aposentados e a previdência Social**. São Paulo: Cortez, 1993

PIZZOLATTO, C. E. **Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade**. 1995. 258 p. Dissertação de mestrado em linguística aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995

ROCHA, H Cláudia; BASSO, A. Edcleia. **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

¹ Graduanda do 8º período da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Curso de Letras Português Inglês.

glauce-gau1@hotmail.com

² Profa. M. Sc. Maria Augusta Rocha Porto

Departamento de Letras Estrangeiras/DLES

Universidade Federal de Sergipe

Profa. Coordenadora do Projeto de Extensão Proex-UFS

mariaaugusta.porto@gmail.com

³ Graduando do 8º período da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Curso de Letras Português Inglês

marlenpeixoto@yahoo.com
.br

Recebido em: 14/07/2014

Aprovado em: 15/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: